



ENTIDADE REGULADORA  
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

# Deliberação

ERC/2023/111 (CONTJOR-TV)

Participação contra a SIC a propósito da exibição de uma reportagem intitulada “Brasil a votos: um país dividido” no “Jornal da Noite” de 5 de setembro de 2022

Lisboa  
22 de março de 2023

## Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

### Deliberação ERC/2023/111 (CONTJOR-TV)

**Assunto:** Participação contra a SIC a propósito da exibição de uma reportagem intitulada “Brasil a votos: um país dividido” no “Jornal da Noite” de 5 de setembro de 2022

#### I. Participação

1. Deu entrada na ERC, no dia 6 de setembro de 2022, uma participação contra a SIC a propósito da exibição, no dia anterior, de uma reportagem intitulada “Brasil a votos: um país dividido”<sup>1</sup>.
2. Entende o Participante que «temos assistido cada vez mais a comunicação social como uma arma clara de propaganda ideológica e política» em vez de «informar com isenção».
3. Considera que «[e]ste programa em específico é um claro exemplo do que é o jornalismo actual», que considera «[u]ma vergonha total que mais parece um tempo de antena do que informação isenta.»

#### II. Defesa do Denunciado

4. O Denunciado entende que a presente participação é «meramente conclusiva e difamatória do bom nome do serviço de programas, não elencando quaisquer factos que permitam assacar a opinião do Queixoso de que a reportagem em causa é uma “arma clara de propaganda ideológica” e de que foi posto em causa o dever de “informar com isenção”.»
5. Considera que «a reportagem cumpriu todos os requisitos de rigor e isenção jornalísticos» tendo apresentado «dados fornecidos por apurações jornalísticas, conteúdo

---

<sup>1</sup> <https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2022-09-05-Brasil-a-votos-um-pais-dividido-ea2a3320>

fornecido pelas agências de notícias parceiras da SIC (e.g. Reuters, AP, Enex) e utilizou sondagens de institutos tradicionais no Brasil (e.g. Datafolha).»

6. Acrescenta que «[o]s trechos de entrevistas utilizados na reportagem especial foram retirados de peças já exibidas anteriormente no serviço de programas, tanto de um como de outro candidato, atingindo um equilíbrio de abordagem entre ambos.»

7. Afirma ainda que «[o]s factos narrados em voz-off foram demonstrados através da exibição de declarações proferidas por cada um dos candidatos, seja em contexto de entrevista, seja em contexto de campanha, seja no contexto da vida pública e dos acontecimentos ao longo dos mandatos presidenciais dos candidatos.»

8. Sustenta o denunciado que «não infringiu o disposto na alínea b) do n.º2 do artigo 34.º da Lei da Televisão e na alínea a) do n.º1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista».

9. Conclui o denunciado que a reportagem respeitou os «mais elevados padrões jornalísticos» pelo que requer o arquivamento da presente participação.

### **III. Análise e fundamentação**

10. A presente análise remete para a averiguação do cumprimento do dever de rigor informativo.

11. O artigo 3.º da Lei de Imprensa determina que «[a] liberdade de imprensa tem como únicos limites os que decorrem da Constituição e da lei, de forma a salvaguardar o rigor e a objetividade da informação, a garantir os direitos ao bom nome, à reserva da intimidade da vida privada, à imagem e à palavra dos cidadãos e a defender o interesse público e a ordem democrática».

12. Segundo a alínea a) do n.º 1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista, é dever dos jornalistas informar «com rigor e isenção, rejeitando o sensacionalismo e demarcando claramente os factos da opinião». Por sua vez, a alínea f) do n.º 1 do citado artigo do EJ, refere que os jornalistas devem «identificar, como regra, as suas fontes de informação, e atribuir as opiniões recolhidas aos respetivos autores». Destaque ainda para a alínea e), que afirma que

os jornalistas devem «[p]rocurar a diversificação das suas fontes de informação e ouvir as partes com interesses atendíveis nos casos de que se ocupem».

**13.** Importa ainda referir que a alínea b) do n.º 2 do artigo 34.º da Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido, determina que é dever dos operadores «[a]ssegurar a difusão de uma informação que respeite o pluralismo, o rigor e a isenção».

**14.** A peça em apreço aborda o fenómeno da polarização extremada que existe no Brasil e o seu reflexo nas eleições brasileiras. Começa por mostrar o caminho profissional e político de ambos candidatos, bem como as controvérsias que ambos têm protagonizado ao longo das suas carreiras, nomeadamente as acusações de corrupção do processo Lava Jato e a condenação de Lula da Silva, bem como a condenação de Bolsonaro no seu percurso militar conturbado, as acusações de corrupção na compra de vacinas e outras. Descreve depois o atual momento político e as estratégias de campanha dos dois candidatos, bem como as mais recentes estatísticas e sondagens.

**15.** Não se vislumbra, na exposição dos factos qualquer situação passível de configurar “propaganda” ou favorecimento de qualquer um dos candidatos. De facto, a peça descreve as vitórias políticas de ambos os candidatos, os seus “estilos” políticos, mas também os escândalos de corrupção de ambos e outras polémicas.

**16.** Ocorre, contudo, uma maior presença de referências a Bolsonaro, nomeadamente no que se refere às controvérsias intervenções públicas, ao governo, destacando-se as críticas que têm sido feitas à gestão da pandemia no seu mandato. Este predomínio do governo e de Bolsonaro encontra-se assente na própria temática da reportagem, a situação de polaridade extremada da sociedade brasileira, que se verifica atualmente, fruto de duas décadas de uma crescente polarização que atinge a sua máxima expressão com a ascensão política de Bolsonaro, em 2018, e com o polémico desempenho do seu mandato. Deste modo, é compreensível o maior espaço providenciado a Bolsonaro no tratamento jornalístico exposto na peça informativa em análise.

**17.** A peça em apreço socorre-se de variadas fontes. São exibidas imagens e vídeos dos dois candidatos, de intervenções públicas, de debates, de entrevistas, etc., registados por vários

órgãos de comunicação social. São ainda exibidas, como supra referido, estatísticas e sondagens com as fontes devidamente identificadas.

**18.** É possível, assim, concluir que os factos encontram-se devidamente contextualizados, com uma exposição assente em fontes diversas e devidamente identificadas, não se verificando qualquer situação passível de configurar falta de rigor informativo.

#### **IV. Deliberação**

Tendo analisado uma participação contra a SIC a propósito da exibição no “Jornal da Noite”, no dia 5 de setembro, de uma reportagem intitulada “Brasil a votos: um país dividido”, o Conselho Regulador da ERC, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes na alínea d) do artigo 7.º, e na alínea a) do n.º 3 do artigo 24.º dos Estatutos da ERC, aprovados pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera:

1. Verificar que os factos descritos foram devidamente contextualizados, com uma exposição assente em fontes diversas e devidamente identificadas;
2. Determinar o arquivamento da presente exposição por não se concluir pela violação do dever de rigor informativo.

Lisboa, 22 de março de 2023

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas

Francisco Azevedo e Silva

Fátima Resende

500.10.01/2022/264  
EDOC/2022/7399



João Pedro Figueiredo

## Relatório de visionamento do Processo n.º 500.10.01/2022/264

1. No dia 5 de setembro de 2022, a SIC exibiu, no “Jornal da Noite”, pelas 21h 09m, uma peça informativa (com a duração de cerca de 23 minutos) intitulada “Brasil a votos: um país dividido”.

2. Em estúdio, a pivô, em estúdio, introduz a reportagem:

«Já falta menos de um mês para as eleições presidenciais brasileiras. E a campanha está a mostrar um país cada vez mais dividido. Os favoritos são bem conhecidos dos brasileiros e não só, também dos portugueses. Lula da Silva, do PT, que saiu da prisão, viu as sentenças a Lava Jato anuladas e quer agora voltar ao Palácio do Planalto. E ainda Jair Bolsonaro, o atual presidente ligado à extrema-direita, que enfrenta uma alta rejeição dos eleitores depois de desvalorizar a pandemia e de incitar à violência contra os adversários. Na reportagem especial de hoje, vamos ver como o Brasil chegou a este ponto tão extremado e o que está em jogo na vida dos brasileiros».

3. A peça começa por exibir imagens dos dois candidatos, dos seus apoiantes e das respetivas campanhas. Afirma-se, de seguida, em *voz-off* (a narração é em português do Brasil):

«Brasil 2022. Um país nunca antes tão dividido, prestes a esticar ainda mais essa corda até outubro, data das presidenciais. De um lado, o atual presidente, Jair Bolsonaro tenta a reeleição com um mandato cheio de críticas, polémicas e gestão duvidosa na pandemia, 600 mil mortes e indícios de corrupção na compra de vacinas. Do outro lado, um velho conhecido dos brasileiros, Lula da Silva, antigo presidente por dois mandatos tenta voltar agora ao cargo mais importante do país, depois de ter sido preso, condenado e envolvido em escândalos de corrupção. O cenário em que o Brasil vive atualmente é produto de quase mais três décadas de uma polarização cada vez mais extremada numa das democracias mais jovens do mundo.»

4. O foco da peça incide de seguida em Jair Bolsonaro, com a exibição de várias intervenções públicas, com destaque para as imagens de uma entrevista em que defende uma guerra civil e a instalação de uma ditadura. Aborda-se ainda os seguintes temas: a saída de Bolsonaro do exército em 1988 após ter sido preso por criticar o salário militar; o seu percurso como

deputado, com discursos de violência e ódio; as suas opiniões e intervenções públicas polémicas tais como a discussão que encetou com uma deputada em que afirma que esta «por ser feia a parlamentar não merecia sequer ser violada» [são exibidas as imagens dessa discussão]; a pouca relevância política como deputado devido à baixa produção de projetos apresentados e só dois aprovados, mas «em 2014 foi o deputado eleito com mais votos»; as polémicas intervenções como deputado, como por exemplo quando defendeu a ditadura militar e «enalteceu o torturador de Dilma Roussef, na secção que confirmou o impeachment da presidente brasileira em 2016».

5. De seguida a peça incide sobre Lula da Silva: o seu percurso de operário da metalurgia e depois sindicalista; a sua liderança de greves gerais e a sua prisão; a forma como se tornou um símbolo dos trabalhadores e a suas duas derrotas em presidenciais até que, em 2002, se tornou presidente por dois mandatos, tendo os seus mandatos sido marcados por uma «sustentada política social [que] lhe permitiram tirar da pobreza mais de 20 milhões de brasileiros» e obtendo reconhecimento internacional por líderes de diversos países, como Obama; as acusações de corrupção e a condenação por corrupção no processo Lava Jato, com destaque para uma das gravações feitas pela Polícia Federal de um telefonema entre Lula da Silva e Dilma, sobre uma nomeação para ministro chefe da casa civil para o proteger politicamente e para evitar a prisão; e a sua prisão, por 580 dias no âmbito do Lava Jato.

6. A peça dá conta, de seguida, da ascensão política de Bolsonaro após o processo Lava Jato: «Enquanto a operação Lava Jato mirava dezenas de políticos, empresários, lobistas, o discurso anticorrupção e principalmente antipetista crescia a alta velocidade, uma brecha para discursos populistas, autoritários, a cara da extrema-direita. É quando reaparece lá da Câmara dos Deputados, Jair Bolsonaro, que aproveitou os movimentos populares para impulsionar o discurso de ódio», e a forma como explorou as redes sociais na campanha política de forma a passar a ideia de que era um candidato antissistema, a sua recusa de participar em debates, a defesa do uso de posse de armas, as suas ideias sobre o excesso de filhos da população pobre e as suas posições homofóbicas.

7. Aborda depois o processo da eleição de Bolsonaro:

«Dois mil e dezoito foi o ano em que a polarização entre os brasileiros ganhou a forma dos dias atuais. Enquanto Bolsonaro enchia a internet com propostas para mudar o que a política brasileira fazia havia anos, Lula da Silva, da prisão, lançava a sua candidatura a presidente. Depois de muita briga na justiça, entre decisões e recursos, o tribunal superior eleitoral brasileiro impugnou a candidatura do ex-presidente a um terceiro mandato com base na lei da ficha limpa, que considera inelegíveis candidatos condenados em segunda instância, a decisão deu ainda mais gás à campanha de Jair Bolsonaro. Se antes as sondagens apontavam Lula da Silva como preferido para assumir a presidência do país, o mesmo não aconteceu com Fernando Haddad, candidato lançado pelo PT para as eleições. Com Lula fora da disputa, o caminho para Bolsonaro ficou mais fácil. Uma facada durante uma ação de campanha em Minas Gerais transformou de vez Jair Bolsonaro num mártir. [...] Mesmo indo à segunda volta, as eleições presidenciais de 2018 confirmaram a vitória de Jair Bolsonaro, reflexo da insatisfação generalizada da população com a classe política devido a anos de corrupção, ao aumento da violência urbana e à crise económica iniciado em 2014. [...] Sempre a misturar política e religião e defendendo a família, mesmo no terceiro casamento, em seu discurso da vitória Bolsonaro não deixou de rezar.» [imagens do referido]

**8.** A peça aborda de seguida a escolha de apenas uma mulher entre os 22 ministros, a escolha de Sérgio Moro para Ministro da Justiça, o que dividiu ainda mais os brasileiros: «[...] se para uns, Moro era uma espécie de justiceiro do povo, para outros era apenas o principal responsável por um alegado golpe contra o PT.»

**9.** Descreve-se depois a libertação de Lula da Silva, com imagens do seu discurso após sair da prisão, bem como a reação de Bolsonaro, que, nas redes sociais, apelidou Lula da Silva de “canalha”.

**10.** De seguida, resume-se alguns dos desafios e controvérsias do governo de Bolsonaro: «Desde o começo do governo, Jair Bolsonaro envolveu-se numa série de controvérsias. Trocou nove dos ministros que havia indicado originalmente, saiu do partido que o elegeu e anunciou o projeto de criação de um novo partido, que nunca saiu do papel. No segundo ano de mandato, Bolsonaro enfrentou o pior desafio para qualquer governo do mundo, a pandemia da Covid. E preferiu minimizar os efeitos da doença, desacreditar a vacina e negar

a ciência. O resultado, mais de 670 mil mortes no Brasil por Covid. [imagens de Bolsonaro a falar do seu histórico de atleta e que enfrentaria a Covid como uma “gripezinha”] Em Manaus, no norte do Brasil, faltou oxigénio para os doentes internados em hospitais públicos. [imagens do acontecimento, com declarações de pessoas que se queixaram da falta de oxigénio] [...] A pandemia ainda provocou a troca de mais 3 ministros da saúde e custou o emprego de Sérgio Moro, que acusou Bolsonaro de interferir em investigações que podiam prejudicar um dos três filhos que estão há anos também na política. A péssima gestão na pandemia começou a evidenciar que tudo o que foi prometido por Bolsonaro na campanha era mesmo só promessa e escândalos de corrupção na compra de vacinas e no Ministério da Educação que envolviam barras de ouro escondidas em Bíblias como suborno começaram a aparecer e a desconstruir a figura de honestidade de Bolsonaro, agora tratado como falso Messias. Na última semana, uma reportagem mostra que dos 107 imóveis registados em nome da família Bolsonaro, 51 foram comprados com dinheiro vivo, cerca de 5 milhões de euros. As movimentações sugerem branqueamento de capitais ou ocultação de património. O homem que prometia unir o Brasil, conseguiu dividir ainda mais uma sociedade que se deparou com um das mais altas inflações do mundo, juros altos e 36 milhões de desempregados. Para aquele que defendia o fim da reeleição, Jair Bolsonaro mudou rapidamente de ideia e chega a 2022, convicto de que os Brasileiros aprovam o seu governo. Ao contrário do que as sondagens mostram. Mais de 40% dos brasileiros avaliam a administração do atual presidente como ruim ou péssima. O duelo de 2018 contra Lula da Silva foi adiado em quatro anos e chega agora mais intenso do que antes.» [são exibidas imagens de gráficos das referidas estatísticas, com a identificação as respetivas fontes, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Instituto Datafolha).

**11.** Descreve-se, de seguida, as estratégias de campanha dos dois candidatos:

«Ao recuperar os direitos políticos e ter as condenações suspensas o antigo presidente brasileiro também lança-se como candidato ao palácio do Planalto, dessa vez com um vice inesperado, Geraldo Alckmin, antigo adversário de Lula em outras eleições, político de centro-direita, nome forte do PSDB. A disputa pelos votos esquenta com o início da campanha presidencial, nas ruas Lula e Bolsonaro contam com o apoio de milhares de apoiantes por

onde passam. O atual presidente participa de “motosseatas”, o antigo prefere o corpo a corpo com os eleitores. Mas os dois trazem nesta disputa trunfos antes pouco explorados. Michele e Rosângela, que são responsáveis por aproximar os respetivos maridos ao eleitorado feminino, a maioria entre os votantes. A primeira-dama aposta em discursos religiosos, tem a missão de convocar os evangélicos, parcela importante de eleitores bolsonaristas para a campanha. Janja, a nova mulher de Lula também tem assumido um papel de destaque dentro do comité de campanha do petista.»

**12.** Resume-se, de seguida, o desempenho dos dois candidatos em entrevistas e debates:

«Nas primeiras entrevistas em rede nacional, Lula e Bolsonaro foram confrontados sobre corrupção e possíveis golpes de estado [são exibidas imagens das referidas entrevistas e de intervenções públicas de Bolsonaro que contextualizam as questões colocadas na entrevista]. No primeiro debate entre os adversários, Lula da Silva preferiu não atacar. Bolsonaro foi além, mentiu sobre dados tratou o antigo presidente como presidiário e destratou uma jornalista». [são exibidas as respetivas imagens do debate].

**13.** É depois exibido um gráfico com a última sondagem [com a indicação da respetiva fonte: Instituto Datafolha] que mostram Lula da Silva 13 pontos percentuais acima de Jair Bolsonaro. Afirma-se de seguida que «nem mesmos os milhões de reais despejados em programas sociais de última hora» e outras recentes posições públicas de Bolsonaro, conseguiram ganhar mais apoiantes para Bolsonaro.

**14.** A peça termina com a exibição de um gráfico com as taxas de rejeição dos candidatos e com a seguinte afirmação:

«Mas essa é uma eleição em que a rejeição vai definir o novo presidente do Brasil. São dois candidatos que despertam amor e ódio dos brasileiros. Sentimentos que refletem numa rejeição alta dos dois [gráfico de rejeição dos candidatos. Fonte: Instituto Datafolha]. Dois de outubro está logo ali, em causa a democracia e principalmente o futuro dos brasileiros que têm nas mãos a escolha de rever um dos dois protagonistas do cenário político das duas últimas décadas.»

**15.** Ao longo da peça são exibidas, algumas já acima identificadas, várias imagens que suportam os factos descritos (na narração em *voz-off*), nomeadamente dos candidatos, das

respetivas campanhas, das suas intervenções públicas, bem como de estatísticas (taxa de inflação, de desemprego) e sondagens de opinião (sentido de voto, taxa de rejeição), com as respetivas fontes devidamente identificadas (IBGE, Instituto Datafolha).